

A revolução na filosofia anglo-americana

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

How the field of philosophy has experienced a Christian renaissance over the last half century.

Originalmente publicado como: “**The Revolution in Anglo-American Philosophy**”. Texto disponível na íntegra em [/the-revolution-in-anglo-american-philosophy](#).

“O mundo intelectual contemporâneo no Ocidente”, declara o célebre filósofo Alvin Plantinga, “é um campo de batalha ou uma arena na qual se trava a luta pela alma dos homens”. [1] Três escolas de pensamento combatem-se na batalha para ganhar a mente de homens e mulheres pensantes. O naturalismo iluminista, o antirrealismo pós-moderno e o teísmo, tipicamente o teísmo cristão. É no campo da filosofia que ocorrem as batalhas decisivas, e a consequência dessas controvérsias repercutirá em todo âmbito universitário e, por fim, no mundo ocidental. Nas décadas recentes, as frentes de batalha mudaram dramaticamente, e, por isso, solicitem-me que fale sobre algumas mudanças que ocorrem na filosofia anglo-americana ao longo da última geração.

Para entendermos onde estamos hoje, precisamos, antes de tudo, entender algo sobre onde estávamos. Numa retrospectiva recente, Paul Benacerraf, eminente filósofo de Princeton, descreve como se parecia a filosofia em Princeton nas décadas de 1950 e 1960. O opressivo modo de pensar dominante era o naturalismo científico. A ciência física era considerada como o árbitro final e, na verdade, único. A metafísica — ramo tradicional da filosofia que trata de questões sobre a realidade que está além da ciência — tinha desaparecido, expulsa da filosofia como um leproso imundo. “A filosofia da ciência”, afirma Benacerraf, “era a rainha de todos os ramos” da filosofia, uma vez que “dispunha das ferramentas [...] para abordar todos os problemas”. [2] Qualquer problema que não pudesse ser tratado pela ciência era simplesmente descartado como pseudoproblema. Assim, a questão que não tinha resposta científica não era uma questão verdadeira, mas apenas uma pseudoquestão mascarada de questão real. Na verdade, parte do trabalho da filosofia era limpar totalmente da disciplina a bagunça que as gerações anteriores lhe tinham causado na luta infundável com essas pseudoquestões. Havia, portanto, certa autoconsciência, um zelo de cruzada, com a qual os filósofos levaram a cabo a sua tarefa. Os reformadores, diz Benacerraf, “alardeavam a afirmação militante da nova fé [...], pela qual as confusões esdrúxulas dos nossos precursores deviam ser substituídas pela ciência emergente da filosofia. Essa nova iluminação iria pôr as velhas visões metafísicas para dormir, substituindo-as com um novo modo de fazer filosofia”.

O livro *Language, Truth and Logic* [Linguagem, verdade e lógica], do filósofo britânico A. J. Ayer, serviu como espécie de manifesto para esse movimento. Como afirma Benacerraf, “não era um grande livro”, mas, sim, “maravilhoso expoente do espírito da época”. A arma principal empregada por Ayer na sua campanha contra a metafísica foi o celebrado Princípio de Verificação de Sentido. De acordo com esse princípio, que passou por várias revisões, para que uma proposição faça sentido, ela deve ser capaz, em princípio, de ser empiricamente verificada. Uma vez que as declarações metafísicas extrapolavam o alcance da ciência empírica, não poderiam ser verificadas e, portanto, eram dispensadas como combinações de palavras sem sentido.

Ayer foi bastante explícito acerca das implicações teológicas desse verificacionismo. [3] Sabendo-se que Deus é objeto metafísico, diz-nos Ayer, a possibilidade do conhecimento religioso é “deixada de fora pelo nosso tratamento de metafísica”. Assim, não pode haver nenhum conhecimento de Deus.

Ora, talvez alguém dissesse que podemos apresentar evidências da existência de Deus, mas Ayer não levaria nenhuma em consideração. Se com a palavra “Deus” pretende-se significar um ser transcendente, afirma Ayer, então a palavra “Deus” é termo metafísico e, portanto, “não é sequer provável que Deus exista”. Ele explica: “Dizer que ‘Deus existe’ é proferir uma expressão metafísica que não pode ser verdadeira nem falsa. E, pelo mesmo critério, nenhuma proposição que pareça descrever a natureza de um deus transcendente pode ter alguma significação literal”.

Vamos supor que algum cristão diga: “Mas eu conheço a Deus mediante um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Você não pode negar a minha experiência pessoal!”. Ayer não se impressionaria. Ele não pensaria em negar que você tem uma experiência de, diria ele, ver um objeto amarelo. Mas, afirma, “embora a sentença ‘Existe aqui uma coisa material de cor amarela’ expresse uma proposição genuína, capaz de ser empiricamente verificada, a sentença ‘Existe um deus transcendente’ [...] não tem significado literal”, pois não é verificável. Logo, o apelo à experiência religiosa, diz Ayer, é “totalmente falacioso”.